

MARCAS D AGUA ESCRITOS E INSCRIÇÕES

Rosa Esteves trabalha há algum tempo com a terra e o mar. Seu projeto anterior produziu relevos de aparência delicada, nascidos do encontro da massa úmida de papel com uma superfície de barro na qual formas marinhas tinham sido previamente gravadas. eram finas cascas que exibiam marcas sutis como as impressões efêmeras que as conchas deixam na areia, antes que ondas displicentes venham dissolvê-las em espuma.

Rosa está mostrando agora peças de aspecto mais permanente, objetos cerâmicos aparentados às matrizes que geraram os relevos. As formas das peças se arredondaram, surgiram discos que vão ao forno com grandes biscoitos. Em sua rusticidade, essas cerâmicas lembram pratos primevos ou pedras de calçamento, a pavimentar estradas de longa memória. Elas são de terra cozida, da pedra lascada, achados recentes de arqueologias virtuais. Peças quebradas são como quebra-cabeças, em que marcas de ouriços parecem surgir de um outro tempo. Capturados nesses falsos fosseis, pequenos ramos de coral mostram seus tênues espectros, pálidas fotografias sem luz nem contraste. Círculos menores exploram a simetria das mandalas e o mistério da escritas sem ossatura, riscos que as pequenas placas parecem dissolver e engolir. O barro fixa essas impressões de significados flutuantes, como os vagos pensamentos que o olho fabrica ao passear pelos desenhos da areia das praias.

O processo de trabalho da artista inclui o manuseio da argila, mas o que a interessa não é o potencial escultórico da matéria que ele movimentada com os dedos, mas a possibilidade de gravar que essa superfície receptiva e maleável oferece. A diferença com relação aos relevos é que o trabalho final não é a imagem transposta para o papel, mas a própria matriz em que ficaram impressas as marcas marinhas e os gestos da mão.

Agrupadas, as peças foram a parede como achados arqueológicos de idade imponderável. Assim expostos, é possível examinar os diferentes espécimes em sua primitiva natureza. Os vários tipos de barro, às vezes reciclado, outras vezes misturado com porcelana, óxidos de ferro, manganês e cobalto, areias negras e mica, imprimem a essas peças redondas variadas texturas e cores. A proximidade maior ou menos com as chamas, no interior do forno, também define inúmeras nuances de tom. As superfícies granuladas lembram toques ásperos a arrepiar a língua que os lambe em pensamento, a ranger na pele do pé que pisa esses solos imaginários.

Como gravadora, Rosa vem percorrendo um caminho de progressiva abstração. Conchas, caramujos, caracóis, ouriços, espirais, estelas e corais se agregam a elementos nascidos ao acaso como as marcas dos dedos, a trama da pele. Aos poucos esses sinais

vão se misturando aos gestos que gravam, a riscos que já não representam, antes progridem em garatujas de vagos significados.

Sobre o peso da argila ela deposita a leveza dos sinais, misturando nessa massa de intrigante simplicidade a natureza da terra, o mundo do mar e a amplidão de universos indecifráveis. Essas cerâmicas, que cantam quando se tocam, fazem ressoar o eco de adormecidos sentidos. Suas peças circulares movimentam uma ciranda do tempo, e ora lembram as inscrições das cavernas, ora são tabuas com escritos de memórias bíblicas, ora são sinais hieroglíficos que ficam a latejar em nossas mentes sedentas por significados.

Vera d’Horta

Novembro de 1996